

Trigo

Estoque em queda

ocorreu nas safras 2004/05 e 2005/06, a pressão é forte para intervenções oficiais no mercado.

A tendência do governo é concentrar mais seus instrumentos de comercialização nas operações de equalizações de preços e deixar as aquisições diretas de produtos para segundo plano.

As despesas com a Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) somaram R\$ 2,3 bilhões em 2006, contra R\$ 1,4 bilhão em 2005. Para 2007, as estimativas são de R\$ 1,8 bilhão.

O emprego de instrumentos como a Aquisição do Governo Federal (AGF) era mais freqüente até 2005. Neste ano, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) desembolsou R\$ 1,21 bilhão na aplicação desses instrumentos, além de um custo adicional de R\$ 192 milhões, para “carregar” um estoque de 5,135 milhões de toneladas.

Em 2006, o apoio do governo chegou a 21,7 milhões de toneladas, sendo que houve uma elevação de quatro vezes superior à ocorrida em 2005, embora os gastos crescessem 70%.

Tomado-se por base a forma da intervenção recente do governo na comercialização das safras, é possível verificar um crescente uso dos instrumentos de subsídio direto ao produtor, e não mais subvenções por meio de indústrias e *tradings* do agronegócio.

Do ponto de vista do custo e benefício, a nova estratégia do governo, de oferecer equalização dos preços, é positiva. No caso da soja, ano passado, foi fundamental para evitar uma crise de enorme proporção.

Nas três últimas safras, o capital de giro dos produtores diminuiu e o risco de tomada de crédito aumentou. O governo optou pelo subsídio às indústrias, que concedem o crédito aos agricultores com base nos preços futuros dos grãos e, no contrato, têm a garantia de recebimento em produto. É um modelo de menor risco operacional para os bancos receberem os pagamentos dos financiamentos recebidos. ■

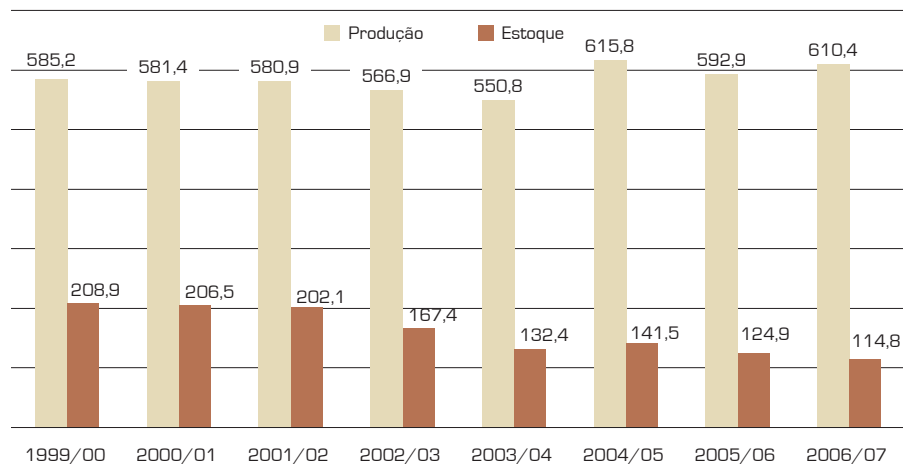
DE ACORDO com o IBGE, a safra nacional de trigo ficou em apenas 2,4 milhões de toneladas em 2006, volume 47,1% menor que em 2005, quando foram colhidos 4,6 milhões. Foi a pior safra dos últimos cinco anos.

Descapitalizados, os produtores reduziram em 25,1% a área plantada. Além disso, a implantação das lavouras com

baixa tecnologia e a ocorrência de geadas provocaram uma redução de 22,0% na produtividade média. A análise aponta que faltou chuva no início do plantio, geou no período de enchimento do grão e, quando chegou a época de colheita do restante, choveu em excesso, fato que prejudicou a qualidade e fez com que parte do trigo fosse destinada à ração animal.

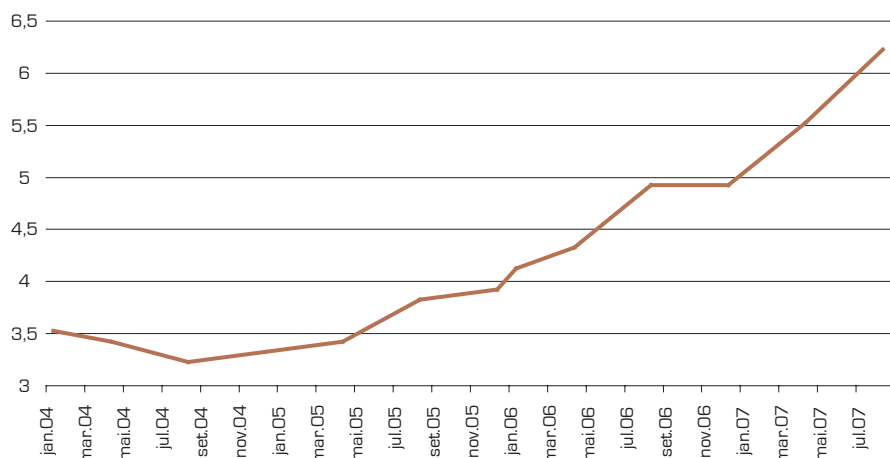


Mundo: produção e estoque de trigo (milhões de t)



Fonte: USDA

Preço do trigo (US\$ por bushel)



Fonte: Bolsa de Chicago

Outro fator negativo é a desvalorização do dólar, pois favorece o aumento das importações e contribui para a queda da área plantada. Números da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) revelam o alto grau de dependência brasileira do trigo proveniente da Argentina: cerca de 70% do total embarcado pelo país vizinho têm como o destino o Brasil, volume que representa mais de 90% das importações de trigo nacionais.

O volume de trigo produzido no mercado mundial decresceu ao longo dos últimos anos, muito em razão dos problemas

climáticos e dos elevados custos dos estoques de produtos agrícolas. Como o consumo permanece elevado, resulta nas altas cotações do produto. As cotações futuras do grão de trigo sofrem pressão de alta e resultam das preocupações em torno dos números da safra mundial do grão.

O relatório do USDA deste mês revisou para baixo os números da safra e do estoque mundiais para 2007/08. Para os EUA, as projeções, em milhões de toneladas, caíram na produção (de 58,19 para 57,53 milhões de t) e nos estoques finais (de 11,38 para 10,99 milhões de t).

Somente neste ano, os preços da tonelada do cereal no Paraná estão acima de R\$ 550, mais que o preço mínimo de R\$ 400 e 30% superiores aos de igual período do ano passado. Quando se compara com os custos de produção, os resultados esperados parecem ser bem positivos para a triticultura. Mas esse movimento de alta chega aos consumidores finais, com maiores preços no macarrão e no pão francês.

Para a safra 2007/07, a Conab confirma um incremento na produção de trigo de 3,84 milhões de toneladas, um aumento de 70% em relação à colheita passada.

Desde 2006, para priorizar os embarques de farinha e pré-misturas, em detrimento de trigo em grão, o governo argentino reduziu a tarifa de exportação de 20% para 10%. Para o trigo em grão a tarifa permaneceu em 20%, sendo que a sua exportação foi suspensa. A tática visa à venda externa de produto com maior valor agregado.

A Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo) questiona representantes da cadeia produtiva da Argentina. O motivo está no fato de o país aumentar em 126% as exportações de trigo em grão para países da África, Ásia, Oriente Médio, América Central entre outros, enquanto nos embarques para o Brasil, o principal comprador do trigo argentino, o aumento foi de apenas 7,3%. Enquanto isso, a farinha de trigo continua a ser exportada.

O Brasil teve de recorrer a outros mercados fornecedores, cujos grãos estão sujeitos à Tarifa Externa Comum (TEC), de 10%, que não é cobrada nas transações entre os países do Mercosul. Os custos de transportes dessas operações são bem maiores. As expectativas para as importações nacionais são de 6,2 milhões de toneladas na temporada 2007/08. Desse total, cerca de 80% deverão vir da Argentina. O restante ficará dividido entre os EUA o Canadá, a Ucrânia e a Rússia. No atual ano comercial, de outubro de 2006 a setembro de 2007, as importações totalizaram 7,9 milhões de toneladas. ■